

NOTA DE ABERTURA

Chega às mãos dos leitores o nº 70 do Boletim de Estudos Clássicos, revista da Faculdade de Letras editada, em colaboração, pela Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

As circunstâncias ditam que, neste final de ano de 2025, o mundo global – e em particular a Europa, com a guerra na Ucrânia, e o Médio-Oriente, com a Guerra de Gaza – se encontre sombrio, com indecisos e polémicos desfechos. Tenham estes a fórmula que as instâncias políticas envolvidas decidirem, os caminhos da reparação e da paz não serão fáceis, nem garantia de tranquilidade para os anos vindouros.

Mantemo-nos consonantes com o hábito de, nesta Nota de Abertura, preservarmos o tom reflexivo que nos permite justificar a permanência da cultura clássica no mundo contemporâneo, particularmente segundo o chamado da máxima terenciana – “Sou um ser humano. Nada do que é humano considero alheio a mim”, que legitima o pensamento sobre as circunstâncias das pessoas, sejam elas quais forem.

O Mar Negro, que banha os territórios da Roménia, Bulgária, Ucrânia, Rússia, a Geórgia, a Turquia, foi, no mundo antigo “O Mar Hospitaleiro” (Ponto Euxino), designação que, na cultura grega, absorve a memória ancestral das viagens das primeiras explorações e formação de colónias nas suas margens: Apolonia, Mesembria, Ístria, Olbia, Quersoneso, Trebizonda, Sinope, Heráclia, Bizâncio, são, ainda hoje, portos estratégicos deste mar fértil que encantou Gregos e Romanos tanto ou mais do que o Mediterrâneo: os vestígios arqueológicos lá estão, para o provar e para ser visitados. O ciclo épico dos Argonautas, representado na arte, na mitologia, no teatro, na literatura – com destaque para as tragédias de Eurípides, *Medeia* e *Ifigénia entre os Tauros* (a terra dos Tauros, a atual Crimeia!), e para a

epopeia *As Argonáuticas* de Apolônio de Rodes. Em Constança, a antiga Tomis Constantiana, Ovídio escreveu *Cartas*, e os seus *Tristia*, tomado pelas dores do exílio, e lá morreu. Arriano de Nicomédia, em meados do séc. II, escreve o seu *Périplo*, um guia de viagem, para informar o seu destinatário, o Imperador Adriano, das cidades e encantos a encontrar entre a foz do Danúbio e Trebizonda. O fértil vale do rio Don – o antigo Tanaís, o rio que, segundo a geografia greco-romana separava a Europa da Ásia – entra-nos pela casa adentro, agora como o território do Donbass, disputado por soldados e mísseis.

A percepção da partilha de uma geografia, na qual se levantaram fronteiras ao longo dos movimentos políticos das civilizações e dos impérios, aparece confundida e distante, quando não se iluminam estes espaços com a consciência da partilha de uma geografia cultural, alusiva a um passado que se prolonga e continua em muitas afinidades. Que a memória de um tempo mais amplo, menos cindido, de culturas com laços comerciais, religiosos, sociais e políticos nos devolva a proximidade a consciência de que nada, neste conflito a leste, nos pode ser alheio.

Com idêntica propriedade se poderiam evocar estas razões a propósito do conflito entre Israel e os territórios da Palestina. Mas mudemos da geografia para as afinidades humanas, que pulsam através das palavras dos homens que participam nas guerras, e que encontraram sempre fundadas razões para a violência e para a vingança. Ontem e hoje.

No dia 7 de outubro de 2022, um registo áudio pôde ser recuperado daquelas horas confusas após os massacres em território israelita por soldados do Hamas e chegou aos media, o que nos dispensa de o transcrever. (deixamos o link <https://www.youtube.com/watch?v=bACNYtaLBQI>)

Um jovem palestino telefona para a sua família, pai, mãe, irmãos, eufórico por ter conseguido matar dez inimigos seus, israelitas, dizendo-lhes que vão ver as fotos que o provam, enviadas por

whatsapp. Pelo mn. 1.53, a mãe pede-lhe que volte para trás. Pelo contexto que vem a seguir, percebe-se que alguém lhe pede que volte para casa. Ele responde que não pode voltar atrás, não há regresso. Só vitória ou morte. Ouve-se choro das crianças da família, e uma voz feminina a dizer-lhe “Promete que voltas para casa”.

A *Ilíada* exalta a guerra como meio de reparar ofensas cometidas à honra. Mas sabemos que as epopeias vão para além dos embates entre homens armados de bronze. Pela tradição literária, quer o que foi narrado na *Odisseia*, quer o dramatizado na tradição trágica do ciclo de Troia, sabemos que os Aqueus que entraram em Troia foram excessivos na sua vingança, ofendendo os deuses e os limites da empatia humana pelos vencidos.

Aos vencedores, exultantes na sua vingança e enriquecidos pelo saque, custou-lhes muito o regresso: Agamémnon, Menelau, Diomedes e, sobretudo, o mais inteligente e sensível dos Aqueus, Ulisses: mais dez anos, tantos quantos a duração do conflito de Troia, sujeito a aventuras e a desventuras que lhe ameaçaram a vida. Difícil, senão impossível, porque o homem que aportou a Ítaca estava tão irreconhecível que teve de provar aos seus mais próximos a sua identidade.

De algum modo, a família do jovem do Hamas na Palestina e o Homero da *Odisseia* sabiam que a desumanização dos outros pela violência cometida condena o perpetrador a uma solidão única, um estado de desorientação que, na realidade da Gaza de hoje e na metáfora de Homero, impede os violentos de retornar a casa: porque se perdem, porque não sabem parar, porque continuar a luta é o único caminho que resta.

As colaborações incluídas neste volume respeitam a variedade temática requerida pela natureza interdisciplinar desta publicação, desde a filosofia grega aos autores neolatinos. Saliente-se também as colaborações que, em ano de Comemoração do V Centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões, vêm oportunamente visitar a obra do autor a partir de um olhar proporcionado pela investigação,

docência e divulgação dos Estudos Clássicos. No domínio da Didática, a colaboração de Eugenio Rallo, sobre Salústio, um autor bem presente nas aulas de Latim; de prosa Latina; de História de Roma e Cultura Romana, vem abrir um novo olhar sobre os lugares femininos de fala, e o seu impacto na vida política e na historiografia romanas.

Boas Leituras!

Paula Barata Dias

GREGO

